

APRESENTAÇÃO

Este livro começou a ser preparado no início de 1972. Em 1970, face à evidência de que estávamos diante de um padrão de acumulação com características próprias, escrevi um pequeno artigo, *Dividir ou Multiplicar: A Concentração da Renda e a Recuperação da Economia Brasileira*. No ano seguinte, após conhecer o ensaio fundamental de Maria Conceição Tavares e José Serra, *Além da Estagnação*, completei minha análise do novo modelo de desenvolvimento brasileiro e a inseri na terceira edição de *Desenvolvimento e Crise no Brasil*. Pareceu-me então que aquela análise merecia uma generalização mais ampla e um tratamento teórico mais rigoroso. Minhas primeiras tentativas consubstanciaram-se em um esboço de construção formal do modelo, que apresentei em seminário, ainda naquele ano, aos meus colegas do Departamento de Economia Aplicada à Administração da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas. As idéias, porém, não estavam ainda suficientemente sistematizadas e recebi então mais críticas do que aprovação.

Entretanto, com a publicação do livro de Celso Furtado, *Análise do Modelo Brasileiro* (1972), e da resenha em termos de modelo formal realizada sobre o livro por Pedro Malan e John Wells (1972), ao mesmo tempo em que entrava em contato com a macroeconomia de Michael Kalecki (edições de 1968 e 1971), meu trabalho de formulação e sistematização teórica pôde avançar muito. Em fins de 1973 pronunciei uma conferência no Rio de Janeiro, a convite dos alunos da Faculdade de Economia Cândido Mendes, em que as bases formais do modelo, a definição dos setores, das classes, dos tipos de bens, dos pressupostos simplificadores e a construção das matrizes macroeconômicas já estavam definidas. Durante o ano de 1974 escrevi a parte sobre o Modelo de Subdesenvolvimento Industrializado. Essa expressão foi inspirada na afirmação de Celso

Furtado de que existem “dois tipos de subdesenvolvimento – o exportador de produtos primários e o industrializado, que no mundo atual se apresentam combinados em distintas proporções” (1972, p. 14). Em 1974 discuti esse texto com meus colegas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, da UNICAMP e do CEBRAP. Em 1975 discuti-os com os alunos do Institut d'Études sur le Développement Économique et Social (IEDES) da Universidade de Paris.

Ficara então claro para mim que havia duas condicionantes institucionais básicas que determinavam esse novo padrão de acumulação nos países periféricos: de um lado a penetração das empresas multinacionais manufactureiras a partir dos anos cinquenta e de outro lado a formação, depois da Segunda Guerra Mundial, de Estados Tecnoburocrático-capitalistas cada vez mais fortes e melhor estruturados na periferia. Em 1975 escrevi a parte sobre as empresas multinacionais. Dediquei todo o ano de 1976 para escrever sobre a apropriação do excedente e o Estado Tecnoburocrático-capitalista Dependente que caracteriza o subdesenvolvimento industrializado.

Ao escrever sobre o Estado, da mesma forma que ao analisar o modelo econômico, utilizei como categorias teóricas as noções de tecnoburocracia, de classe tecnoburocrática, de propriedade organizacional, de modo de produção estatal ou tecnoburocrático, e de apropriação do excedente através de ordenados. Já havia tratado o problema da tecnoburocracia em um ensaio anterior: *Tecnoburocracia e Contestação*. Esse trabalho, entretanto, embora analisasse amplamente a emergência da tecnoburocracia e a ideologia tecnoburocrática, não definia com suficiente rigor as relações de produção tecnoburocráticas e a forma específica de apropriação do excedente, via ordenados, da classe tecnoburocrática. À medida, entretanto, em que utilizava o conceito de tecnoburocracia como instrumento teórico para analisar uma formação social concreta, foi-me possível também pesquisar e desenvolver uma formulação mais rigorosa do problema. O resultado dessa pesquisa foi a redação das *Notas Introdutórias ao Modo Tecnoburocrático ou Estatal de Produção*. Este trabalho não examina diretamente o subdesenvolvimento industrializado, mas constitui-se em um marco teórico fundamental para a análise desta formação social. Por isso decidi incluí-lo na primeira parte deste livro.

A parte sobre o Estado Tecnoburocrático-capitalista estendeu-se mais do que eu inicialmente imaginava. Recebeu, inclusive, um tratamento histórico mais extenso do que o por mim realizado na análise econômica do subdesenvolvimento industrializado. Constitui a segunda parte do livro. A terceira parte é representada pelo exame do modelo econômico

do subdesenvolvimento industrializado. A quarta parte, finalmente, examina as empresas multinacionais e seu relacionamento com os países periféricos.

Durante todo o trabalho minha preocupação foi evitar abstrações excessivas e tratar o problema econômico em termos de economia política. Concentrei minha atenção na produção, apropriação e utilização do excedente econômico pelas classes sociais, consideradas a interferência das empresas multinacionais e a crescente participação do Estado na economia.

Este livro teve uma longa gestação e foi o resultado de muitos debates, em seminários, conversas e aulas. Além de meus alunos, tenho uma dívida para com meus colegas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Yoshiaki Nakano, Fernando Claudio Prestes Motta, Antonio Angarita Silva, Dennis Cintra Leite, Eduardo Matarazzo Suplicy, Nilson Quesado Cavalcanti, Luiz Antonio Oliveira Lima, Robert V. Cajado Nicol, Alkimar Moura, Lenina Pomerantz, Pierre Elirlich, José Paulo Carneiro Vieira, Luiz Ferreira França, Betty Mindlin Lafer, Sergio Micelli, Geraldo Gaderalli, Eduardo Marinho Milliet, Mauricio Tragtenberg, Esdras Borges Costa, Carlos Ernesto Ferreira e Roberto Henry Srouf. Entre aqueles que na Universidade de São Paulo, na Universidade Estadual de Campinas, no CEBRAP, no IEDES contribuíram de alguma forma para este trabalho agradeço a Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Pedro Calil Padis, Paulo Singer, Antonio Barros de Castro, Francisco de Oliveira, José Arthur Giannotti, Leoncio Martins Rodrigues, Lucio Kowarick, Geraldo Müller, Celso Lafer e Pedro Malam. Devo muito também à minha mulher Vera Cecília. Seus estudos de psicanálise e filosofia permitiram-me compreender muito mais vivencialmente o caráter dialético do pensamento e da realidade histórica.

Este trabalho foi extremamente facilitado pelo apoio que recebi da Comissão de Pesquisas do Núcleo de Publicação e Pesquisas da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas e da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Tenho um agradecimento especial a Zara Augusto de Oliveirã, que não só datilografou mas também ajudou a revisar o texto durante toda a sua elaboração. Agradeço também a Viviane Osterreicher, minha aluna, que se responsabilizou pela elaboração do índice remissivo.

Fevereiro de 1977

L.C.B.P.